

GAZETA MERCANTIL
9661 884 211

A visita do presidente Frei ao Brasil veio a divulgar o sucesso econômico alcançado pelo Chile nos últimos dez anos. O Chile tem baixa inflação, baixo nível de desemprego, cresce mais de 7% ao ano e, com a quase unanimidade dos analistas econômicos, deverá vir a ser um país plenamente desenvolvido no ano 2005, apesar de se localizar na América Latina.

O sucesso do Chile tem uma receita simples: privatização, abertura e integração à economia que se globaliza, taxa de câmbio competitiva, superávit fiscal do setor público e previdência privatizada. Seria o modelo econômico mais semelhante ao de Hong Kong e Cingapura no continente, as duas cidades-estados que se desenvolveram mais rapidamente nas décadas de 80 e 90, apesar de dependerem de importações de todos os insumos, inclusive água.

Tamanho sucesso deveria despertar a imitação pelos vizinhos, fato que até o momento só ocorreu com o Peru, cujo modelo econômico implantado por Fujimori é o que mais se aproxima do modelo econômico implantado no Chile. Qual seria a dificuldade de se implantar um modelo econômico semelhante em outros países da região?

Se formos examinar o que ocorreu com o Chile e o Peru, antes de implantarem estas reformas, vamos verificar que estavam praticamente em guerra civil, a economia estava destruída por anos de controles socialistas, o crédito externo era nulo e os governantes dos dois países que implantaram as reformas eram ditadores apoiados pelas Forças Armadas (Pinochet e Fujimori).

Os dois únicos países que têm condições objetivas para um golpe de Estado reformador são a Venezuela e o Equador

As reformas radicais romperam com os privilégios das elites desses países e teriam muito pouca chance de ser implantadas com o Congresso funcionando, pois os congressistas normalmente são os representantes das elites protegidas, e o povo não tem lideranças capacitadas a entender que ele é que seria o beneficiário do pro-

cesso de reforma do sistema econômico, em detrimento das elites protegidas. (É, por exemplo, constrangedor ver os metalúrgicos da CUT se opondo às reformas na Previdência, que eles financiam para o gozo dos funcionários públicos do Brasil.)

Os dois únicos países que mais se aproximam do caos que imperava no Peru e no Chile antes das reformas e que, portanto, têm as condições objetivas para um golpe de Estado reformador são a Venezuela e o Equador. Na Venezuela, entretanto, a renda do petróleo pode manter o modelo populista ainda por muitos anos, e suas Forças Armadas são esquerdistas e nacionalistas, isto é, provavelmente não apoiariam reformas na direção do Chile e do Peru. O Equador também é exportador de petróleo e pode dar-se ao luxo de manter a atual decadência e apatia da população ainda por muitos anos.

Chile, o efeito pisco

Igor Cornelsen *



No Brasil, é um sonho imaginar que se poderiam aprovar no Congresso reformas no sentido do Chile. Está aí a reforma da Previdência, recém-votada no Congresso, como exemplo; não é uma reforma, é uma enrolação. A Constituição é uma mera carta de proteção de privilégios e não tem chances de vir a se tornar uma carta eficiente.

Por outro lado, o presidente Fernando Henrique Cardoso não tem o perfil de um Cromwell. Este, quando verificou que o Parlamento ia devolver poderes imperiais ao rei, fechou-o para convocar outro que preservaria suas prerrogativas; em outras palavras, a democracia. Fernando Henrique Cardoso acredita que a nossa é realmente uma Constituição; não uma carta de proteção de privilégios, e não vai fechar este Congresso e convocar uma Constituinte cujos eleitos representassem

proporcionalmente a população e não pudessem por dez anos se candidatar a cargos eletivos, isto é, estariam realmente escrevendo uma Constituição. Fernando Henrique Cardoso é um democrata, bom cidadão e não teria ímpetos revolucionários.

Aqui, a privatização vai ser lenta e só se fará em setores já sucateados como a via Dutra e a Rede Ferroviária

Aqui não vai haver efeito pisco, o processo será tortuoso, a privatização será lenta e só se fará nos setores já sucateados como a via Dutra, a Rede Ferroviária Federal, etc.; nos setores onde os políticos ainda têm a esperança de tirar algum suco, como o telefônico, o de energia, a Petrobrás, a Vale do Rio Doce, o Banco do Brasil, o Banespa, só ocorrerá por sorte. O setor público será sempre deficitário e, portanto, a economia não crescerá 7% ao ano, pois o câmbio vai andar atra-

sado, a taxa de juros será muito alta, a abertura nunca será muito grande, pois os financiadores das campanhas políticas tenderão a receber a proteção dos financiados, os congressistas, os governadores e ministros, uma proteção aduaneira aqui, um incentivo fiscal ali, etc. E a Previdência não será nunca privatizada e eficiente, pois isto não passa em Congresso eleito.

O Brasil tem, contudo, uma chance ainda de se desenvolver rapidamente. Por ser um mercado enorme, pode conseguir atrair muito capital estrangeiro gerando recursos necessários, de modo a manter o câncer que se instalou no setor público sob controle, e reunir uma parte dos recursos necessários para investir em educação, saúde, saneamento, meio ambiente, justiça e segurança, sem os quais jamais o País será desenvolvido.

Se não tiver condições de atrair capital estrangeiro em volume suficiente, o câncer tomará conta do paciente e, no final do século, o Brasil será muito parecido com a Venezuela de hoje, só que sem a renda do petróleo e com metrópoles caóticas. Uma perspectiva muito pouco promissora.

* Consultor de Investimentos Internacionais, em São Paulo.